

G I A N D A N T O N



ILUSTRAÇÕES | JOÃO OVITZKE

O UIVO DA GÓRGONA

GIAN DANTON

PARTE 1

1

Edgar encostou-se à parede do mercado, entre os sacos de salgados e os refrigerantes, e segurou a respiração. Em seus braços, a menina o olhava, aterrorizada e ameaçava chorar (oh, Deus, faça com que ela não chore, pensou ele. Não agora).

- Estão passando. – anunciou Jonas.

Ele podia ouvi-los. Podia ouvir seus pés arrastando pelo chão de asfalto, os grunhidos terríveis que soltavam, um ou outro rosnar. Era como uma maré de ódio, fedor e caos.

Era irônico que para ele tivesse começado tudo com silêncio.

Apesar do quarto com isolamento acústico, que mantinha todo o barulho lá

fora, tinha sido uma noite terrível, repleta de pesadelos. Em seu sonho havia uma música (não, não era uma música, um barulho, apenas um barulho) muito, muito alta. E, diante dele, seguia uma procissão de loucos e acontecimentos vistos rapidamente, como flashes sem sentido. Uma mulher grávida rasgava o próprio ventre, retirava o feto e o comia. Homens agrediam-se uns aos outros, que agrediam outros e outros e outros e outros, até que sobrasse apenas uma luta insana.

Quando acordou, percebeu que a cama estava molhada de suor. O ar condicionado não estava funcionando.

Sem energia num dia de calor, pensou ele, enquanto ia ao banheiro lavar o rosto.

De fato, só percebeu que havia algo errado quando saiu do quarto. Ficou por um instante parado, no meio da sala, tentando descobrir o que

havia de estranho Então percebeu: o silêncio. Não havia barulhos lá fora.

(Estamos sem energia, pensou ele, é apenas isso, mas uma parte de sua mente dizia que não era só isso)

Não havia barulho algum. Nem mesmo um rádio, a vizinha gritando com o filho, nada.

No quintal, a mesma coisa: apenas o silêncio. Um pássaro aproximou-se, pousou no muro, olhou para ele, e foi embora, sem emitir qualquer barulho.

Ao sair na rua, espantou-se ao descobrir que ela se tornara um deserto. Olhou no relógio: oito horas. Nesse horário a rua costumava estar movimentada. Mães que retornando depois de levar seus filhos no colégio, vendedores, vizinhas fofocando. Mas não, não havia nada ali. Nenhum barulho, nenhuma pessoa. Como se toda a vida humana da terra tivesse desaparecido de um momento para o outro.

Duas ou três casas depois que ouviu o primeiro som, dentro de uma casa de muro alto e portão fechado. Vidro quebrado. Parecia uma vidraça sendo estilhaçada. O som foi acompanhado de um urro de dor e depois de outro barulho de vidro. Quem estaria fazendo aquilo? Alguém deixara cair uma placa de vidro e se machucara no processo? Mas porque o som continuara?

Edgar aproximou-se, mas o portão não permitia ver nada lá dentro. Assim, avançou e dobrou a esquina. Estava apenas de short e camiseta e não tinha a mínima ideia de porque estava fazendo aquilo, andando na rua, sem destino aparente, mas algo dentro dele lhe dizia que algo estava muito, muito errado.

(algo está acontecendo, algo terrível)

Estava próximo ao mercado quando viu um grupo de pessoas se aproximando ao longe. Deviam ser umas vinte ou trinta e andavam lentamente, lado a lado uma com a outra.

Foi quando algo pegou em seu ombro.

2

Edgar se virou assustado. Era um homem negro de meia idade. Este levou o dedo indicador aos lábios e fez sinal de silêncio, depois puxou-o para o mercado.

- Mas o quê? – protestou Edgar.

- Silêncio! O barulho atrai eles. Deus queira que eles não tenham visto você!

- Eles quem?

O homem negro olhou-o, intrigado.

- Você não sabe de nada?

(o que, o que ele deveria saber?, pensou ele, enquanto sua pele se arrepiava)

- Vamos, entre antes que eles nos vejam.

Lá dentro, uma menina os esperava, os olhos assustados. Era uma garotinha branca, de cabelos castanhos claros, quase ruivos. Não podia ser filha do homem que o chamara. A menina vestia uma saia rosa e uma blusa branca rasgada. Seus cabelos estavam desgrenhados.

Então ele ouviu.

3

O som fez com que se assustasse. Era um emaranhado de vozes desconexas, um engasgar coletivo sem sentido e apavorante.

- Esconda-se! – ordenou o homem negro.

Edgar sentou-se, as costas apoiadas na parede do mercado. A menina não parecera ter ouvido aquele som angustiante, mas quando viu os dois homens se escondendo, aproximou-se do mais velho e aconchegou-se em seu colo.

(ela está tremendo, ela está tremendo de medo, pensou ele, o que aquela menina vira?)

Então o som foi se tornando cada vez mais presente, mais forte e mais assustador.

(Quantas pessoas havia lá fora?)

O homem negro estava atrás de uma gôndola e fez novamente o sinal para Edgar, pedindo silêncio. A menina o olhou, e agarrou a ele.

Ele se arriscou a inclinar a cabeça e, por entre pacotes de salgadinhos, a imagem do caos apareceu para ele.

4

O grupo compacto se arrastava pela rua, como se fosse um só corpo. Havia homens, mulheres, crianças, idosos, entre eles. Mas parecia um enorme grupo de mendigos. Estavam todos maltrapilhos, suas roupas sujas, seus cabelos

desgrenhados. Andavam como se não soubessem para onde ir, como se apenas um estivesse acompanhando o outro. Tinham olhares perdidos, vagos, como se a alma lhes tivesse sido arrancada e não sobrasse nada além de uma casca. Uma menina de uns seis anos andava entre eles, ia andando e arrastando uma boneca pelos pés. O cabelo da boneca era como uma vassoura, se arrastando pelo asfalto sujo, mas a menina parecia não se importar. Sua roupa estava muito suja e havia uma grande mancha marrom em sua calcinha de renda, que aparecia nitidamente por baixo da saia.

Uma das pessoas, um velho, se aproximou demais de um rapaz e foi empurrado. Ele se levantou e rosou para este, como um cachorro que rosna para outro. Os dois se encararam, mas em segundo pareceram esquecer isso e voltaram a se juntar ao coro.

Em outro canto, uma velha usava apenas um lado de uma pantufa, o outro pé arrastando uma

meia muito suja. Um óculos quebrado pendia de seu rosto, preso apenas por uma orelha, mas ela não fazia qualquer gesto para tirá-lo ou colocá-lo de volta.

(zumbis, pensou Edgar, parecem zumbis)

Então ouviu-se um grito e uma mulher correu, atravessando a rua pouco à frente do grupo.

5

Edgar não entendeu porque a mulher estava fazendo aquilo. Ela corria e gritava, como se estivesse em uma crise histérica.

Não demorou muito para que a multidão a visse e ouvisse. Agora parecia um corpo compacto, um monstro que já não se arrastava como antes, mas se movimentava rapidamente, como um animal de rapina.

A mulher ficou lá parada, como que hipnotizada.

(como o sapo que espera ser comido pela cobra)

No último momento pareceu entender o que ia acontecer e tentou escapar. Mas já era tarde demais.

Um homem com um macacão azul segurou seus cabelos. A mulher gritava e puxava desesperadamente, e quanto mais fazia isso, mais firmes as mãos a agarravam. Então, num esforço supremo, ela conseguiu se livrar, deixando um enorme tufo de cabelos nas mãos do outro. Mas isso só serviu para aumentar a sua dor, pois nesse momento outro já havia agarrado sua perna e outro o braço.

A horda a envolveu, como formigas em volta de um doce. Edgar podia ver uma mão se esticando ou um pé, e ouvir os gritos de desespero e dor. Tentou levantar-se, talvez no impulso de ajudá-la, mas o homem negro o conteve com um gesto.

- Não faça barulho!

6

A mulher ainda se debateu um pouco mais, até soltar um último urro final, que parecia uma mistura de dor e desespero. Então a multidão começou a se afastar dela. Cada um trazia algo na mão. Inicialmente Edgar achou que a tivessem roubado, então olhou direito. Foi a menina com a boneca que o fez perceber o que estava acontecendo.

(oh, meu Deus, oh meu Deus, não!)

Ela se afastou carregando algo na mão e levando à boca, como se fosse um pirulito. Mas não era um pirulito, ou um picolé, era...

(oh, não, oh não!)

... Um dedo. Um dedo humano! Da mulher que fora encoberta pela horda. Edgar ainda podia

ver o esmalte vermelho na unha, agora já desgastado.

A menina o levava à boca e chupava e lambia, como se fosse uma iguaria. Então colocou-o todo na boca, com a voracidade de que não come há meses. O dedo era grande demais para sua boca pequena, mas ela o mastigava abrindo e fechando muito a boca, o sangue escorrendo de seus lábios.

Uma mulher se apropriara do fígado e parecia não se decidir entre mastigar e lamber o sangue que escorria. Outro dos zumbis tentou roubar-lhe o pedaço escarlata de carne, mas ela o repeliu com um rosnado. Este voltou ao seu pedaço de carne e a esqueceu. Devia ser um dos seios e ainda trazia consigo uma parte do tecido da blusa, mas o homem comia assim mesmo, sem fazer qualquer distinção entre roupa e carne.

Edgar fechou os olhos da menina em seu colo, apertando-a contra seu peito, mas até mesmo ele tinha que se segurar para não vomitar

com a imagem da multidão se fartando com aquele banquete nojento.

7

A multidão ficou ali por algum tempo, dividindo o que restava da mulher, depois voltou a se colocar em marcha, ao passo arrastado e àquele som irritante e monótono. Deixou atrás de si pouca coisa: um sapato, pedaços de roupas, tufo de cabelo, nada mais que isso.

O homem negro fez um gesto para Edgar, indicando que ficasse onde estava, e se levantou. Cauteloso, foi andando até a porta do mercado e olhou para fora.

- Foram embora! – disse, retornando.

- O que foi aquilo? Aquelas pessoas, aquelas pessoas comeram a mulher...

O outro franziu o cenho:

- Você não viu nada do que aconteceu esta noite?

- Eu dormi cedo. Estava cansado do trabalho. E meu quarto tem isolamento acústico.

- Talvez tenha sido sorte. Eu vi coisas piores que isso. Sabe-se lá o que essa garotinha viu! – disse, apontando para a menina ainda apertada ao peito de Edgar.

O outro estendeu-lhe a mão.

- As circunstâncias não são as melhores, mas meu nome é Jonas.

- Eu sou Edgar. O que é isso? O que está acontecendo? Que pessoas são aquelas?

O outro suspirou:

- Vou tentar começar do início.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 8

Jonas falava baixo e olhava em torno de tempos em tempos, como se suas palavras o fizessem alvo das criaturas:

- Entenda, eu moro aqui em cima do mercadinho. E tenho insônia. Faz um bom tempo que não tenho alguém e, nas noites em que não costumo dormir, costumo ficar na sacada do meu quarto, no andar de cima, olhando para a rua, para o movimento. Foi o que fiz ontem. Era... deixe-me ver... onze horas, onze e meia, meia noite? Tudo parecia normal. Muitas pessoas na rua, muitas na frente de suas casas ainda. Outras já começavam a se recolher. Uma noite normal como todas as outras. Então eu ouvi aquele som estranho e estrondoso. Parecia uma música, mas não era uma música. Parecia mais como se você colocasse dezenas de carros de som um do lado do outro e o resultado era uma... como dizer?

- Cacofonia? – atalhou Edgar.

- Sim, acho que seria isso. Então havia esse som estranho, em volume altíssimo, se aproximando. E esse som parecia mexer com as pessoas. Eu olhava para elas e elas pareciam se transformar. Não sei dizer ao certo o que era, mas aquela música mexia com suas mentes. E aquilo foi ficando cada vez mais próximo, até que pude perceber de onde vinha. Era uma espécie de carro de som, mas era bem maior, como um caminhão.

- Um veículo? Quem dirigia?

- Eu não conseguia ver. Ele passou na avenida principal, longe daqui. Além disso, logo parei de olhar para ele e olhei para a rua. Cara, foi o caos.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 9

Jonas passou a mão pela testa. Estava molhada de suor. Sua mão também, mas isso parecia dar-lhe algum tipo de consolo:

- O som mexia com as pessoas. Aquela música ensurdecadora era... era como se as deixasse malucas. Uma das vizinhas estava na frente da casa. Era uma senhora idosa, acho que a pessoa mais amável que já conheci. Sabe o tipo vovozinha, querida por todos?

- Sei.

- Ela estava numa cadeira de macarrão, fazendo tricô, quando o som passou. O netinho estava brincando ao lado. Devia ter o que? Três anos? Quando o som começou a afetar as pessoas, ela segurou o garotinho pela garganta e enfiou a agulha de tricô no olho dele. O garoto começou a estrebuchar. Ela tirou a agulha e enfiou no outro olho.

- Sério?

- Sim. De repente, era como se todo mundo ficasse louco. Parecia que todo mundo queria matar ou machucar alguém.

- Mas você não foi afetado.

- Eu ouvi o som como todo mundo. Era ensurdecedor e eu coloquei as mãos nos ouvidos. Mas vi outras pessoas fazendo isso e elas também ficaram loucas. Não tenho a menor ideia de como continuei normal. Passei o resto da madrugada olhando da sacada. A loucura inicial foi diminuindo e as pessoas foram se acalmando, mas não voltaram ao normal. Ficaram, você viu...

- Ficaram como zumbis.

- Isso. – assentiu Jonas.

- E a garotinha?

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 10

- Não sei quem é a garota. – disse Jonas. Ela estava andando na rua, perdida e desesperada e eu a trouxe para dentro pouco antes de encontrar você. Não sei nem mesmo seu nome e não sei

como ela não se transformou em uma daquelas coisas.

- A menina se virou para eles e começou uma série de gestos com as mãos.

- Ela é surda-muda. – concluiu Edgar.

- Isso explicava porque ela não foi afetada. Ela não ouviu o barulho infernal.

- Ela não ouviu o uivo da Górgona.

Jonas enrugou a testa:

- Como?

- As górgonas eram criaturas da mitologia grega que tinham o poder de transformar as pessoas em pedras.

- A Medusa.

- É a mais famosa delas. Eram três irmãs: Medusa, Esteno e Euríale. Por alguma razão me lembrei delas. Esse som transforma as pessoas.

- Essas pessoas estão sendo transformadas em algo muito pior. – garantiu Jonas.

Edgar sabia disso. Tinha visto com seus próprios olhos. A imagem da menina lambendo o dedo sangrento como se fosse uma guloseima talvez nunca saísse de sua retina.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 11

A menina voltou a fazer gestos.

- Ela está apontando para o caderno em cima do balcão. – alertou Edgar.

- Deve estar querendo escrever algo. Vou pegar o caderno e a caneta.

Edgar lamentava não ter aprendido linguagem de surdos e mudos. Esse tinha sido oferecido aos professores na universidade e ele deixara para outro momento. Talvez agora fosse tarde demais.

Jonas voltou com o caderno e a caneta e entregou para a menina. Ela escreveu nele e entregou e mostrou aos dois:

- Sofia. – leu Jonas. Esse é o nome dela.

Edgar voltou a entregar o caderno para a menina.

- Onde você mora?

Mas a menina olhou-o, sem saber o que fazer.

- É tudo que ela sabe escrever. – concluiu Edgar. O próprio nome. Talvez ela saiba ler mais, mas tudo que aprendeu a escrever foi o próprio nome. Se ao menos soubéssemos libras.

Jonas fez um gesto afirmativo com a cabeça:

- Eu sei.

A menina fez um gesto apreensivo para os dois.

- Ela está preocupada. Acha que eles vão voltar.

- Ela tem razão. – concordou Edgar. Não podemos ficar escondidos aqui para sempre. Precisamos tentar contato com outras pessoas, descobrir se isso aconteceu em toda a cidade.

- Não consegui sintonizar nenhuma estação no rádio. Estão todas fora do ar. A televisão também não funciona.

- Tentou ligar para alguém?

- Meu celular descarregou e não tenho fixo.

Edgar sabia que seu celular estaria com bateria. Sempre o desligava antes de dormir. Começara a fazer isso depois que um aluno lhe ligou a uma da manhã para fazer uma pergunta sobre um trabalho. Além disso, tinha o telefone fixo.

- Precisamos ir para minha casa. Tenho telefone lá. Moro aqui perto.

Saíram em fila indiana, um atrás do outro, por entre as prateleiras.

- Oh, não! – disse Jonas, estancando. Voltem, rápido!

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 12

Pareceu uma eternidade, como se o tempo tivesse parado ou fosse um filme em câmera lenta. Jonas se virou para eles e fez um gesto para que voltassem. Edgar levou alguns segundos para obedecer, mas antes olhou para a rua.

Um zumbi solitário estava lá. Parecia perdido, como se sentisse a ausência da solidão. Olhava para o outro lado e parecia não tê-los percebido.

Edgar segurou a menina pela mão e a puxou para o fundo da mercearia. Estava quase de volta ao local onde se escondera antes, entre os salgadinhos e os refrigerantes, quando ouviu um

barulho atrás de si. Girou a cabeça e olhou por cima dos ombros. Jonas tinha encostado em uma gôndola. Ela se manteve num movimento instável e finalmente caiu, com um estrondo.

(oh, não, barulho chama eles como imã – intuiu)

Ainda como se estivesse em câmera lenta, ele se escondeu no mesmo local de antes. Olhou em volta e não encontrou Jonas.

Foi quando o zumbi entrou.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 13

Era rapaz de não mais de 17 anos. Tinha cabelos negros e compridos, pouco abaixo dos ombros. Usavam uma camisa preta de banda de rock e calças jeans. Tinha perdido o tênis All Star de um dos pés, mas parecia não se preocupar com isso. Andava de uma maneira estranha, que seria engraçada em outra situação: mantinha os braços

junto ao corpo, a cabeça balançando levemente, os cabelos indo e vindo, como se estivesse num show.

Ela parou na entrada, como um cachorro que fareja o ar, mas na verdade buscava algum som. Edgar rezou para que a menina não chorasse.

Uma embalagem de pilhas desabou da gôndola caída, chamando sua atenção. Ele andou lentamente até ela: agora, ao movimento de vai de vai acrescentara outro: um girar da cabeça de um lado para o outro, como uma câmera de vigilância.

Após um momento de indecisão, ele avançou pelo corredor no fim do qual estavam Edgar e Sofia.

Edgar fechou os olhos e rezou.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 14

O garoto continuava seu caminho, lenta, mas decididamente. Não demoraria para encontrar com Edgar. Então ouviu-se um barulho alto, na rua.

Edgar abriu os olhos e arriscou olhar por entre os salgadinhos.

O zumbi parara, indeciso. Por um instante, pensou continuar na mesma direção. Então houve outro barulho e ele se virou completamente, naquele movimento estranho, dos braços esticados ao longo do corpo e imóveis.

Edgar esticou a cabeça. Havia duas latas de leite caídas do lado de fora, abertas com seu conteúdo branco manchando o asfalto negro.

O rapaz foi até elas, intrigado, e ficou ali, olhando à volta por alguns instantes antes de afastar-se e sumir de vista.

Jonas se aproximou, por entre as prateleiras:

- Melhor irmos agora.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 15

Dessa vez foram ainda mais cautelosos ao sair. Jonas levantara a gôndola e empurrara para o lado as coisas que haviam caído – barbeadores, pilhas, colas rápidas. Queria o corredor desimpedido caso precisassem voltar rapidamente.

A rua agora estava vazia. O rapaz com camiseta de rock havia desaparecido e provavelmente havia se juntado ao grupo, se o tivesse alcançado.

- Por ali. – orientou Edgar.

Passaram pela casa fechada que Edgar havia visto antes. O barulho lá dentro continuava. Som de móveis quebrados atravessava o portão.

- Deviam estar com a casa trancada quando aconteceu. – explicou Jonas. Acho que não conseguem abrir portas e grades.

Edgar concordou:

- O instinto deles é sair e se juntar à multidão. Como não conseguem, estão destruindo a casa.

Quando chegaram à frente da casa, Edgar estancou:

- Deixei encostado. O portão não estava aberto dessa forma.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 16

Edgar ficou ali, parado, na dúvida. Tinham que entrar. Não podiam ficar expostos na rua, mas e se alguma daquelas... (coisas?) tivesse entrado? Era como entrar em uma armadilha.

Por fim, decidiu-se:

- Vamos.

Apurou os ouvidos, à medida em que andava. Sentiu que a pele se arrepiava. Sofia segurava firme sua mão direita. Isso dava segurança para a menina, mas, por outro lado, tornava muito mais difícil a reação, caso houvesse algum ataque.

Avançou pela garagem. A coisa podia estar escondida atrás do carro. Foi avançando, lento, tentando ver algo, até ter certeza de que a garagem estava completamente livre.

- Oh, céus! – disse Jonas, lá atrás, empurrando-os.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 17

Edgar viu-se empurrado para trás da parede da casa. Pensou em resistir, ou reclamar, mas depois desistiu. Jonas deveria ter suas razões. Só quando estava escondidos, o outro se deu ao trabalho de explicar:

- Olhe, mas cuidado.

Um dos zumbis circulava pela garagem. Tinha vindo pelo outro lado da casa. Aparentemente o som os transformara não só em monstros assassinos, mas afetara sua inteligência e percepção. Jonas já os vira e andava em círculos, como que se quisesse deixar o corpo decidir para onde iria.

Em determinado dirigiu-se ao portão e parecia que ia sair, então voltou.

Veio andando ao longo da parede da casa, na direção deles.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 18

Sofia soltou um grunhido de susto e Edgar foi obrigado a puxá-la para longe da quina da parede. O zumbi se aproximava lentamente e agora podia ser melhor visto. Era uma mulher de enormes unhas vermelhas e vestido curto sujo e rasgado. O

cabelo crespo havia sido alisado e pintado de loiro, mas agora estava desgrenhado como uma teia de aranha. Ela andava com dificuldade em razão do salto alto e caía de tempos em tempos.

O professor olhou para o lado e viu Jonas. Ele se armara com uma das vassouras que eram deixadas do lado de fora. Edgar rezou para que isso fosse suficiente.

Inesperadamente, Jonas saiu de seu lugar e avançou com o cabo de vassoura, atingido a mulher na testa. Ela oscilou para trás, um enorme hematoma se formando em sua pele. Qualquer um teria fugido depois de um golpe daqueles, mas o uivo da górgona parecia ter tirado dela qualquer instinto de sobrevivência.

Mesmo com o salto alto, ela avançou com surpreendente velocidade, abrindo e fechando a boca, como se abocanhasse o ar, e levando as mãos em garra. Jonas não esperava por isso e recuou.

A mulher pulou sobre ele, derrubando-o no chão, as mãos em garra rasgando sua roupa, a boca procurando seu pescoço.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 19

Jonas se agitava, tomado pelo pânico e pela surpresa. Provavelmente nunca imaginara que uma mulher magra como aquela pudesse ter tanta força.

Edgar largou a mão de Sofia e avançou. Pensou em pegar a vassoura, mas ela havia caído do outro lado. Teria que dar a volta nos dois para pegá-la e talvez fosse tarde demais. Assim, pulou sobre a mulher e segurou-lhe os cabelos, puxando-a para o lado. Ela largou Jonas, mas rolou pelo chão. Tinha visto uma vítima mais fácil: Sofia.

A coisa foi arrastando-se na direção da garotinha. A menina se encolheu, mas seria rapidamente alcançada.

Edgar nem mesmo pensou no que estava fazendo: pegou a cabeça da mulher e bateu-a contra o chão. A mulher voltou a girar, seu olho agora uma flor enorme de sangue, ainda disposta a atacar, até que seu outro olho foi perfurado.

O professor olhou para o lado. Jonas estava lá, pasmo, com um pedaço do cabo da vassoura partido na mão. O outro pedaço estava cravado no olho da mulher, que estrebuchava no chão.

- Oh, céus! Oh, céus! – repetia Jonas.

O UIVO DA GÓRGONA - PARTE 20

Edgar nem mesmo parou para olhar o que o outro tinha feito. Saiu correndo e foi fechar o portão da garagem. De certa forma é como se estivesse se adaptando às coisas e sabia que o mais importante era garantir que nenhum outro zumbi entrasse.

Quando voltou, Jonas olhava para o cabo quebrado, como se fosse uma cobra que o tivesse hipnotizado.

- Eu matei ela. – disse, apontando para a mulher caída no chão. Ela parara de estrebuchar e se via apenas alguns movimentos reflexos. Eu a matei!

- Se não fizesse isso, ela faria isso conosco. Agora vamos entrar. Precisamos sair daqui. Vamos, entre.

Sofia agarrou-se à mão de Edgar e entraram na casa pela porta da cozinha, onde deixou a menina. Edgar foi direto para a sala, onde ficava o telefone fixo. Tirou o gancho e respirou aliviado quando percebeu que havia linha.

O UIVO DA GÓRGONA - PARTE 21

O professor ficou ali, parado, ouvindo o som da linha. Esperara tanto por aquele momento, pela

oportunidade para falar com alguém e agora não sabia para quem ligar. Nenhum número lhe vinha à mente, como se qualquer informação a esse respeito tivesse sido apagada.

Então ele ouviu um barulho de vidro quebrado. Por alguma razão esse som o arrepiou. Imagens de sua mulher e sua filha vieram para ele como flashes. A filha lhe estendia a mão, a última vez que ele a vira, os vidros quebrados, estilhaçados, e ela estendendo as mãos e chorando.

O telefone ficou lá, um eco contínuo de cacofonia pendurado no gancho, balançando em espirais, enquanto ele corria para a cozinha.

O UIVO DA GÓRGONA - PARTE 022

Edgar chegou à cozinha e encontrou Jonas e Sofia em volta de um copo quebrado sobre o chão. Uma mancha de água se espalhava ao redor dele.

Olhavam para ele como se olhassem para um acidente de carro.

- Eu, eu fui pegar água para a menina, mas...

– Jonas mostrou as mãos tremendo.

Edgar tentou tranquiliza-lo:

- Não foi nada. Você está nervoso. Estou tentando ligar. Venham comigo.

O professor voltou para a sala, agora acompanhado pelos dois. O gancho de telefone estava lá, pendurado, como uma cobra, soltando um som insistente: tu tu tu...

Edgar pegou-o, apertou o display e esperou que o sinal surgisse de novo. Então ligou.

O UIVO DA GÓRGONA - PARTE 023

O primeiro número que lhe veio à cabeça, por alguma razão, foi de uma professora, amiga de

colegiado. Depois que discou, ele se lembrou do número da polícia, 190, mas já estava chamando.

(Atenda, atenda, atenda, pensou ele mentalmente)

O telefone chamou uma, duas, três e mais vezes, até a ligação cair.

Edgar estremeceu. Isso talvez significasse que sua amiga...

(não, como eles, não!)

Edgar apertou o display, esperou a linha e discou o número da polícia.

O telefone chamou duas vezes e finalmente atendeu.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 24

O telefone atendeu e houve um segundo de silêncio (que pareceu uma eternidade). Então

ouviu-se uma gravação, uma música instrumental, que tocou até que a ligação caísse.

Edgar tirou o fone de ouvido e deixou a mão pender com ele ao longo do corpo, desconsolado.

- Atendeu? – perguntou Jonas, ansioso.

- Nada. Eu tinha esperanças de que... ah, Deus!

O professor levou a mão ao rosto, como se tampar os olhos fizesse a realidade terrível desaparecer.

Quando os abriu de novo, Sofie lhe fazia gestos.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 25

- A menina precisa das roupas e outras coisas pessoais. – traduziu Jonas.

- Você sabe me indicar onde fica sua casa?

A menina fez que sim com a cabeça, adivinhando o que ele falava pela leitura labial.

- Aquelas coisas ainda podem estar lá fora. – argumentou Jonas, a expressão preocupada.

- Vamos de carro. E precisamos ver se isso foi em outros locais da cidade. Seria bom saber se há outras pessoas como nós...

- Há outra coisa que me preocupa. O caminhão de som pode voltar. Se nos encontrar no meio da rua...

- Você e a menina são imunes.

- Você não.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 26

Edgar esperou o sinal e ligou o motor. Sabia que sons atraíam os zumbis e, embora seu carro fosse relativamente silencioso, não queria correr

riscos. Jonas permanecia no portão, olhando para fora, atento a qualquer movimento.

- Venha!

O professor engatou a ré e saiu a toda. Surpreendeu-se com isso. Soltou tão rapidamente a embreagem que o carro quase morreu. Quando se viu na rua, endireitou o veículo, pronto para sair, enquanto Jonas fechava o portão.

No momento em que o outro entrou e fechou a porta, engatou a primeira e saiu. Foram inicialmente lentos, olhando ao redor. Não havia qualquer movimento na rua, parecia que até mesmo os cachorros e gatos haviam sumido. De tempos em tempos se deparavam com enormes manchas de sangue e restos de roupas nas ruas. Em certo momento depararam com um carro virado e carbonizado.

Já tinha percorrido umas dez quadras quando Edgar deu um soco no volante a praguejou:

- Droga!

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 27

Edgar continuou praguejando e dando pequenos socos no volante. O outro se preocupou:

- O que foi dessa vez?

- A gasolina está acabando. Eu devia ter enchido o tanque ontem, mas esqueci. Vamos ter que parar para abastecer.

- Isso pode ser perigoso.

- Muito. Mas não temos outra opção. Felizmente tem um posto ali na frente.

O posto estava lá, completamente deserto. Havia um carro ao lado de uma bomba e a mangueira havia sido deixada no tanque, ligada, de modo que a gasolina se espalhava pelo chão.

- Cuidado aí, cara. Isso é uma bomba-relógio. Qualquer faísca pode provocar um incêndio. – advertiu Jonas.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 28

Edgar manobrou e colocou o carro ao lado da bomba vazia.

- Eu encho o tanque. - disse. Vá lá e desligue a outra mangueira. Vamos torcer para tudo dar certo. Se aquelas coisas voltarem a aparecer, não temos onde nos esconder.

- Certo.

O professor contornou o carro, tirou a tampa do tanque e a colocou sobre o carro. Ao pegar a mangueira sentiu-se perdido. Tinha visto os frentistas usando aquele aparelho centenas de vezes, mas agora sua cabeça parecia ter sido tomada por um branco. Ficou lá, parado, olhando para ela, incapaz de agir.

Foi quando ouviu alguém gritando.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 29

- Olá! Não vão embora! Não sou um deles! – gritava o jovem, correndo na direção do carro. Usava uma calça jeans rasgada, uma camiseta branca e tênis All Star. Nas costas levava uma surrada mochila preta.

- Mas, que idiota! – rosnou Jonas. Esses gritos vão chamar aquelas coisas! Apresse isso!

Edgar pareceu despertar de um transe e finalmente colocou o bocal no tanque e apertou-o, deixando sair gasolina.

O rapaz parou entre ele e Jonas e se inclinou, colocando as mãos sobre os joelhos, ofegante:

- Ah, eu estou fora de forma!

Depois olhou para os dois homens, que pareciam não percebê-lo. Olhavam à volta, preocupados.

- Caras, desculpe ter assustado vocês. Mas são as primeiras pessoas normais que encontro e...

Jonas cortou-o:

- Depois você conta a história de sua vida. Agora entra no carro! Edgar, eles estão vindo!

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 30

Edgar olhou na direção que o outro apontava. A mangueira de combustível pulsava em sua mão. Lá longe um grupo compacto se aproximava. Era uma multidão ainda maior do que a que vira antes (eles estão se juntando!). Não corriam, mas não demorariam para alcança-los.

Dentro do carro, Sofia olhou-o, os olhos aflitos.

- Precisamos ir. – avisou Jonas.

- O tanque estava vazio. Coloquei pouca gasolina...

- Se eles nos alcançarem, isso não vai fazer diferença!

- Entre no carro, vou tentar colocar um pouco mais.

Jonas entrou. Lá dentro, o rapaz e a menina dividiam a atenção entre o professor manipulando a mangueira de gasolina e a horda que se aproximava.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 31

O grupo se aproximava cada vez mais e agora andava muito, muito mais rápido. Tinham visto suas presas e não queriam perdê-las.

- Entre logo! – gritou Jonas.

- Só mais um pouco!

A menina bateu no vidro do carro, aflita. O rapaz de tênis All Star parecia não se sentir íntimo o bastante para reclamar, mas o medo era visível em seu rosto.

Então o tempo se alterou, como se tudo acontecesse em outra dimensão, mais lenta.

Um dos zumbis começou a correr. Edgar sabia que ele estava correndo, mas o via lentamente, como numa imagem em câmera lenta. Outros o seguiram. Dentro do carro, os três gritavam, mas Edgar não conseguia ouvi-los.

A mangueira foi retirada do tanque e caiu no chão, soltando gasolina em espasmos, como uma cobra em frenesi de morte.

O professor pegou a tampa sobre o carro e tentou colocá-la, mas ela não encaixava. Olhou para trás e viu que o zumbi estava apenas a alguns

metros. Lá dentro, os três tentavam avisá-lo (eu estou vendo, eu estou vendo!).

Quantos segundos? Quantos segundos até que eles o alcançassem?

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 32

A tampa finalmente encaixou, com um clique. Edgar pegou a chave e abriu a porta. Algo agarrou seu ombro. Dentro do carro, os gritos de aviso haviam se transformado numa cacofonia indistinguível. Mesmo com as garras segurando sua pele (dor, muita dor), ele se abaixou e entrou no carro, ao mesmo tempo em que fechava a porta. O homem que o segurava urrou, mas continuou apertando.

Edgar soltou a porta e voltou a puxá-la, agora com mais força. Agora ela encontrou os dedos do zumbi, que se afastou dali, olhando incrédulo para a própria mão.

- Vai, vai, vai! – gritava Jonas, ao seu lado.

A chave deslizou em sua mão e ameaçou cair (tremendo, minha mão está tremendo!), mas ele conseguiu segurá-la e engatá-la na ignição. O carro ligou com um ronco leve, como um gato que reclama ao ser acordado.

Nisso, já havia várias pessoas ao redor do veículo. Algumas esmurravam, outras arranhavam o vidro. Não demoraria muito para que uma delas desse o golpe certo.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 33

Um passarinho aproximou-se voando e soltou um longo pio. Apesar de tudo, quando mais tarde lhe perguntaram sobre o ocorrido, era a única coisa que Edgar conseguiria se lembrar. Os

zumbis estavam lá fora, esmurrando e grasnando seu uivo uníssono de ódio e violência, mas a sua mente se focara apenas no passarinho, talvez como uma forma de fuga. De alguma forma, sua mão direita engatou a primeira marcha e o pé fez seu trabalho. O carro saiu roncando e escabeceando como um touro, atropelando pessoas em seu caminho, mas o professor não se lembrava de nada disso.

Jonas disse-lhe que a roda dianteira havia passado por cima de alguém, mas era como dizer para um bêbado o que ele fizera na noite anterior.

De alguma forma, o carro se livrou da horda e se afastou.

- Edgar? Edgar?- perguntou Jonas.

O professor pareceu despertar de um sonho, ou de um pesadelo:

- Sim?

- Como estamos de gasolina?

Edgar olhou o ponteiro. Tinham um terço de combustível.

- Você deixou a mangueira derramando. – disse o rapaz lá atrás.

- Quem é esse?

- Meu nome é Alan.

- Você nos colocou em apuros lá atrás.

- Eu sei. – respondeu o rapaz, encolhendo-se no banco. Mas eu não queria correr o risco de vocês irem embora.

- Melhor não fazer isso de novo. – avisou Jonas. Ou da próxima vez você não estará dentro do carro...

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 34

O carro manobrou para o estacionamento de um conjunto residencial. Pareciam estar entrando

em um cenário de guerra. Havia pedaços de móveis, televisões e até um fogão caídos por ali. Aparentemente, quando as pessoas se transformaram, muitas sentiram o impulso de jogar as coisas pela janela.

- Acho que eles gostam de ver a destruição.
– comentou Jonas.

Edgar fez que sim com a cabeça. A menina escrevera que o apartamento em que morava ficava no quarto andar. O elevador provavelmente não devia estar funcionando e, mesmo se estivesse, seria arriscado pegá-lo.

Um pensamento atravessou rápido sua mente: e se o prédio ainda estivesse cheio daquelas coisas?

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 35

- Sabe, eu não suporto som alto. – disse Alan quando entraram no prédio. Eu moro com mais

dois amigos da faculdade e durmo com tampões no ouvido. Também fiz um isolamento acústico improvisado, com caixas de ovos, no meu quarto.

Estavam entrando no prédio. Edgar ia na frente, a garotinha segurando em sua mão. Gostaria de ter algo na outra mão, talvez um porrete, para não se sentir tão desprotegido. Depois dele vinha Jonas e lá atrás o garoto, falando e falando e falando.

- Quando eu acordei de manhã, a casa tinha virado um inferno. Eu pensei: cara, o que esses caras tomaram ontem à noite? Então saí e vi que não tinha ninguém na rua...

- Quietos! – ordenou Jonas, o dedo na boca, em sinal de silêncio.

Era uma situação delicada. Não havia nenhum zumbi na entrada, mas teriam que subir as escadas e poderiam ficar encurralados ali.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 36

- Silêncio agora! – ordenou Jonas. Vamos subir. Ao menor sinal de perigo, voltamos correndo. Vamos torcer para que caso eles apareçam, venham só de cima. Se vierem de cima e de baixo, estaremos em uma armadilha. Tentem não fazer barulho.

Edgar e Alan fizeram que sim com a cabeça. Então começaram a subir. O silêncio era total, quebrado apenas pelos estalar dos passos no piso de concreto. Edgar sentiu que a mão da menina estava molhada de suor. Não era calor. Era medo. Esperava que, caso fosse necessário correr com ela, isso não fosse um empecilho.

Quando passaram pelo primeiro andar, ouviram um barulho. Edgar aproximou o ouvido da porta de metal e levou um susto: um baque forte e estrondoso contra a porta. Em silêncio, ele olhou para os colegas e tentou avisá-los.

Jonas foi o primeiro a entender. Aproximou-se e escorou a porta com o ombro. O garoto fez o mesmo com as mãos. Um daqueles zumbis estava do outro lado, perdido no corredor.

Ficaram lá, em silêncio apreensivo, rezando para que a coisa não tentasse mais sair pela porta.

Depois de longos minutos que pareceram uma eternidade, perceberam que o risco havia passado. A coisa provavelmente havia entrado em um dos apartamentos.

Continuaram subindo.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 37

Não havia nada no andar de cima ou no seguinte. Mesmo assim, Edgar estava apreensivo. Já tinha percebido que os zumbis tinham dificuldade para abrir portas, mas não era impossível e aquela nem mesmo tinha tranca. E se

aquele conseguisse sair para a escada e resolvesse subir?

Finalmente chegaram ao andar certo. A menina indicou com um gesto. Como fizera da outra vez, Edgar aproximou o ouvido da porta, atento. Nada, silêncio total e absoluto. Então, algo o assustou. Olhou para Jonas e este respondeu com um olhar indicativo. Foi quando compreendeu. O barulho vinha de baixo, dos andares inferiores. O zumbi provavelmente conseguira abrir a porta que dava para a escada e estava subindo.

Não havia alternativa. Era arriscado abrir a porta e entrar no corredor sem terem certeza de que estava tudo livre, mas era a única coisa que podiam fazer no momento.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 38

Edgar irrompeu pela porta, puxando a menina consigo. Parou por alguns instantes, olhando ao redor, mas foi empurrado pelos outros, que vinham atrás. Uma vez no corredor, fecharam a porta atrás de si e ficaram lá parados, os ouvidos aguçados. Era um barulho abafado de passos, que se tornavam mais e mais próximos. Mas o pior não era isso. Nem de longe. O pior era um outro barulho, agudo, que ecoava pelo prédio. O grupo levou um longo tempo para identifica-lo, até perceberem do que se tratava: a pessoa que se aproximava arrastava as unhas pelo corrimão, quase como se o arranhasse.

Os sons foram se aproximando até se tornarem muito, muito próximos. Então se afastaram.

- Acho que o perigo passou. – decidiu Jonas. Sofia, qual é seu apartamento.

A menina indicou com a cabeça e foi na frente. O professor a puxou. Se ainda houvesse

alguém lá dentro seria melhor que ele fosse o primeiro a entrar (uma arma, preciso de arma, pensou).

A porta estava arrombada, o compensado quebrado à altura da fechadura, mas fechada. Bastou um leve toque para que se abrisse.

- Caramba! – exclamou Alan.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 39

O cenário era de guerra. A sala se tornara uma miríade de desastre e caos. Havia uma televisão quebrada no centro dela. Era uma TV antiga, de tubo, e seus pedaços haviam se espalhado por toda a extensão do tapete central. Um telefone pendia, inútil, da parede, como uma cobra morta. O sangue no chão se misturava a restos de revistas de fofocas, as fotos de artistas recortadas em mil pedaços transformadas em manchetes de jornais policiais, o sangue se

misturando aos sorrisos. Um elefante de porcelana jazia, destroçado, as patas que sobraram levantadas na direção do teto como numa súplica desastrada. As paredes nuas, com pedaços de reboco faltando, pareciam chorar os quadros caídos. Era praticamente impossível andar por ali sem pisar em algo.

Edgar e Sofia entraram primeiro. Foram andando devagar, na direção que a menina indicava.

Alan se abaixou e pegou algo no chão. Era um porta-retratos e mostrava a menina ao lado de um casal, em uma piscina. O homem e a mulher, muito jovens, sorriam para a câmera, mas a menina parecia triste, talvez porque o vidro se quebrara exatamente sobre seu rosto.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 40

O lugar para onde a menina os levaria era o seu próprio quarto. A destruição ali era menor, mas era igualmente assustadora: ursos de pelúcia rasgados, bonecas decapitadas, tinta escolar espalhada pelas paredes, livros infantis rasgados. Na parede o desenho de um palhaço rasgado.

A menina pegou uma mochila rosa, provavelmente a que usava na escola, e começou a enchê-la de roupas. Pegou também um cachorrinho de pelúcia, o único que havia escapado à fúria destruidora. Quando o encontrou, debaixo do guarda roupa, o rosto da menina se iluminou em um sorriso. Ela o agarrou junto ao peito e fechou os olhos por alguns segundos, como se o seu contato macio a fizesse esquecer todo o horror pelo qual passara.

- Vejam, encontrei um celular ainda com carga. – anunciou Alan, entrando no quarto. Podemos...

Mas não terminou. Jonas, que estava junto à janela, fez sinal de silêncio. Ele olhava para baixo, os olhos espantados, a face branca como um fantasma.

- Deus nos ajude! – murmurou.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 41

Os outros assomaram à janela. Era uma janela pequena, de conjunto popular e os vidros estavam quebrados, mas se espremeram para olhar para baixo.

- Caramba! – gritou Alan. Depois tampou a boca.

- Meu Deus! – murmurou Edgar.

Lá embaixo uma multidão se aproximava. Não era um grupo pequeno, de uma ou duas dezenas de pessoas, como os que haviam visto antes. Eram centenas, talvez milhares de pessoas, o andar arrastado, os braços pendendo ao lado do

corpo. Vinham todas na direção do prédio e iam entrando pela portaria. Lá de cima, era como um formigueiro, uma massa monstruosa e irracional, absolutamente perigosa.

- Vieram atrás de nós. – concluiu Edgar.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 42

- A porta. – alertou Jonas.

De fato, a porta seria um problema. O trinco tinha sido arrombado, provavelmente na confusão da noite anterior. Além disso, o compensado, usado em conjuntos populares, oferecia pouca resistência. Se o grupo de zumbis resolvesse arrombá-la, ela cairia.

- Vamos bloquear. – decidiu Edgar.

Gastaram os minutos seguintes procurando algo que pudesse ser amontoado para bloquear a porta. O sofá foi colocado junto a ela e, sobre ele, tudo mais que encontravam e que podia ser

movimentado: o botijão de gás, o fogão, um criado-mudo. Estavam em uma sinuca de bico: Sabiam que quanto mais coisas colocassem ali, mais seguros estavam, mas sabiam que o barulho chamaria a atenção dos zumbis. Assim, quando acharam que já tinham o suficiente, pararam e ficaram lá, na sala, esperando.

O zunir veio se aproximando pelas escadas, como um enxame de abelhas.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 43

Sofia segurou a mão de Edgar e apertou. Ele se abaixou e abraçou-a. A menina enterrou a cabeça em seu peito, como se não quisesse ver o que ia acontecer. Ele a confortou acariciando seus cabelos. Lá fora o som aumentava. Um grupo maior parecia ter subido as escadas, mas alguns haviam escoado pelo andar e, pelo som que faziam, era muitos. Suas unhas arranhando as paredes misturavam-se aos gemidos irracionais.

Houve um barulho forte, de madeira quebrando.

- Estão arrombando um dos apartamentos. – murmurou Jonas.

Devia ser o apartamento mais próximo da escada, pois as vozes agora se dividiam e uma parte delas parecia abafada. Quando criança, Edgar tivera um pesadelo. Estava em um local escuro, perdido, sozinho, no silêncio da solidão. Então, alguma coisa começou a se arrastar no negrume da noite, algo terrível e nojento, aproximando-se dele. E então, outra coisa e outra e outra, como se o cercassem.

Era aquele mesmo pavor que sentia naquele momento.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 44

O barulho lá fora já era como algazarra infernal e indistinguível. Um barulho ensurdecador

de dezenas, centenas de vozes. Então houve mais um estrondo.

- Entraram em outro apartamento. – constatou Jonas.

- Aqui do lado. – completou Alan.

Os próximos seriam eles. Edgar não sabia quanto tempo a barricada aguentaria.

Do lado vinha o barulho dos zumbis e batidas insistentes na parede, como se alguém a estivesse socando.

(oh, meu Deus, eles vão derrubar a parede!)

Então começaram a forçar a porta do apartamento. Ela cedeu alguns centímetros e se vergou, como se sofresse sob o peso de dezenas de pessoas. O sofá resmungou contra a lajota barata e arredou um pouco.

(vão entrar! Vão entrar!)

Voltaram a empurrar e o sofá voltou a ranger. Jonas e Alan se aproximaram e o empurraram. Mas até eles sabiam que isso seria inútil. Logo o compensado iria ceder e os zumbis entrariam.

Foi quando aconteceu o estrondo.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 45

Edgar sentiu o apartamento tremer. A princípio achou que fosse um terremoto e imaginou o quanto seria temerário estar dentro de um prédio como aquele durante um tremor de terra.

Mas então ouviu o barulho e percebeu que era outra coisa. Tinha que ser outra coisa. Lá fora, as coisas pareciam ter silenciado, como se o estrondo as tivesse assustado também.

O professor olhou para Jonas e Alan. Seus olhares eram igualmente assustados, como se não

compreendessem o que tinha acontecido. Então houve outro estrondo, mais forte que o primeiro.

- Explosões. – concluiu Jonas.

Edgar acenou com a cabeça, em concordância. Explosões. O que estará explodindo? Lá fora, as coisas voltaram a fazer sua algazarra indecifrável, mas agora pareciam estar se distanciando.

- Vamos ver. – disse, levando a menina no colo e indo na direção do quarto.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 46

O grupo espantou-se com o que via pela pequena janela do quarto. Se antes a multidão de pessoas invadindo o prédio como formigas havia impressionado, agora a imagem era igualmente impactante: um quarteirão inteiro tornara-se uma bola de fogo pontuada de explosões. Uma nuvem

negra se elevava no céu como um cogumelo de morte.

- O posto de gasolina... – murmurou Edgar.

Jonas fez que sim:

- Todo aquele combustível espalhado... o calor do sol deve ter feito o resto.

Os zumbis agora saiam do prédio, como uma onda escoando na direção das explosões.

- O barulho está chamando atenção deles.

- Vamos ter que procurar outro caminho para voltar para casa. – decidiu Edgar.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 47

O grupo desceu correndo as escadas, torcendo para que não tivesse sobrado nenhum dos zumbis no prédio. Aparentemente, todos haviam sido atraídos pelo barulho da explosão.

Já no carro, Alan se lembrou do celular:

- Podemos tentar ligar para alguém, descobrir se isso aconteceu em toda a cidade.

Edgar suspirou:

- Boa sorte. Já tentei isso. Tentei também do telefone fixo. Nem a polícia atende.

- Já tentou fazer uma ligação para fora da cidade?

Edgar e Jonas se entreolharam. O homem negro deu um tapa na testa:

- Nem pensamos nisso!

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 48

Alan colocou o telefone no viva voz e ligou o número de um amigo que morava em outro estado. Deu sem sinal. Tentou diversas vezes antes

de se decidir um número aleatório. Na terceira tentativa, alguém atendeu:

- Alô? Tem alguém aí?

Era uma mulher. Se pudesse, Alan teria dado um salto de alegria.

- Alô. Estamos falando de...

A pessoa do outro lado cortou-o:

- Não posso falar muito alto. Eles são atraídos pelo barulho. E a bateria está acabando. Por favor, preciso de ajuda. Não sei o que fazer. Por favor, chame a polícia...

Depois disso a linha caiu.

- Ah, não! Ah, não! Não! Não! – gritou Alan, tentando desesperadamente ligar novamente, mas o celular nem mesmo dava sinal.

Foi nesse momento que a mulher apareceu na frente do carro.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 49

Edgar inicialmente achou que fosse mais um dos zumbis e acelerou.

- Não! - gritou Jonas, ao seu lado, e o professor apertou o freio com toda a força de sua perna.

O pneu saiu arrastando no asfalto e ganindo como um cachorro ferido. O carro parou a poucos metros da senhora. Não, não era um zumbi, mas era a pessoa mais estranha que o professor já vira. Usava uma saia roxa pouco abaixo do joelho e uma camisa azul com vários colares ao redor do pescoço. Na cabeça trazia um chapéu trançado com enfeites de flores e nas mãos uma sombrinha colorida e pequena, como de criança. Parecia uma figura de sonho, em especial na situação em que se encontravam.

- Pensei que fossem me atropelar! – gritou ela, com uma voz esganiçada.

Ficaram todos dentro do carro olhando para aquela figura estranha, até que ela reclamasse:

- Não vai abrir a porta?

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 50

Alan apressou-se a abrir a porta traseira e a mulher entrou, empurrando-o, espaço:

- Dá licença! Meu nome é Zulmira. Com L. Z, U, L, M, I, R, A. Todo mundo escreve errado, então pode me chamar de Zu também. Achei que fossem me matar. Já não bastasse ter de fugir dos sem cérebro, agora tenho que me preocupar com vocês?

- Sem cérebro? – perguntou Alan.

- Você é tapado? Não viu o que aconteceu? A música fritou o cérebro deles.

Edgar começou a rir. Foi como abrir uma comporta. Toda a tensão acumulada durante aquela última hora extravasou num único momento. Quando percebeu, todos estavam rindo com ele.

A mulher olhou à volta, desconfiada:

- Do que estão rindo?

Edgar teve que tirar as mãos do volante para enxugar as lágrimas:

- Nada. Você está certa. A música fritou o cérebro deles...

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 51

Edgar achou que a mulher nunca fosse parar de falar e temeu que isso pudesse chamar a atenção dos zumbis:

- Eu sempre digo que esse tipo de música que a juventude de hoje ouve ia fritar o cérebro deles. E o

pior é que ouvem sempre alto. Mesmo quando colocam fone de ouvido, no ônibus, todo mundo ouve. A impressão que dá é que querem ficar surdos, ou já estão surdos. Por isso que mandei fazer na minha casa um quartinho com isolamento acústico. É um quartinho pequeno, mas pelo menos lá tenho paz. E ainda durmo com tampões. Sempre ando com tampões de ouvido na bolsa. Ei, entre aqui!

O professor apertou o freio e olhou para trás:

- Como assim?

- Aqui fica a minha casa. Vou ficar com vocês, não vou? Se for, vou precisar pegar algumas coisas.

Edgar olhou para onde a mulher apontava. Era uma rua sem saída. Uma armadilha perfeita, caso os zumbis aparecessem.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 52

- E então, vai entrar ou não vai? – indagou a mulher lá atrás.

Jonas trocou um olhar com o professor. Também tinha percebido o perigo da situação.

- Senhora, não seria mais seguro esperá-la aqui?

- E se aparecer alguma daquelas coisas? Vou ter que andar tudo isso para fugir? Deixem de ser medrosos. Vai ser rapidinho...

Houve um longo minuto de silêncio.

- Então, vão ou não vão?

Edgar balançou a cabeça, como se não acreditasse no que estava fazendo. E manobrou para entrar na rua sem saída.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 53

A mulher indicou uma casa (Uma casa rosa!, espantou-se Edgar) e saiu rápido assim que o carro parou.

- Melhor virar o carro, caso precisemos sair urgente. – sugeriu Jonas.

- Você tá doido, cara? – reclamou Alan, lá atrás. Isso aqui parece uma ratoeira.

- Vamos manobrar. – respondeu Edgar.

Além de fechada, a rua era muito estreita. Os outros olhavam apreensivos enquanto ele virava e desvirava o carro, tentando coloca-lo na direção para sair. Quando finalmente conseguiu, colocou o carro próximo à casa rosa, mas do outro lado.

Foi quando a coisa apareceu, ao lado deles.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 54

Foi tão rápido que ninguém teve tempo de pensar no que estava acontecendo. O homem

apareceu ao lado deles, urrando, gritando e babando. Com o susto, Edgar bateu a cabeça no vidro lateral. Os outros estavam igualmente assustados, em especial Jonas, que estava do lado do vidro outro atacado. Só depois do que pareceu uma eternidade é que perceberam o que estava realmente acontecendo: o homem ficara preso dentro de casa, impossibilitado de sair pela grade da garagem. Mas isso não diminuía seu instinto agressivo. Ele atravessara os braços pelas grades e abria e fechava as mãos, na tentativa de agarrar alguém. A barriga enorme saía da camiseta suja, suas banhas enormes extravasando entre as grades. Ele abria e fechava os dentes, numa tentativa vã de morder alguma coisa, e batia a cabeça contra o metal.

- Oh, vocês conheceram o meu vizinho! – disse Dona Zulmira, entrando no carro. Esse aí nunca prestou mesmo. Nem quando tinha cérebro, se é que um dia teve. Final de semana, colocava um som na garagem e botava a música na maior altura,

falando besteira e bebendo cerveja... Não deve ter achado ruim quando a coisa aconteceu.

Edgar olhou para trás. A mulher trouxera para o carro duas sacolas grandes, abertas em cima. Uma delas estava cheia de roupas. Mas a outra... a outra tinha algo vivo!

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 55

Alan abriu tentou abrir a sacola, mas a outra a fechou.

- O que tem aí, dentro?

Edgar franziu o cenho e olhou pelo retrovisor. Tudo que precisavam naquele momento era de mais um problema.

- O que tem aí dentro? – repetiu Alan.

- O que você trouxe na sacola? – indagou Jonas.

- Ninguém mexe na Pimpinela!

Edgar não conseguiu segurar o riso:

- Pimpinela? Que espécie de bicho é uma pimpinela?

- Pimpinela, é uma galinha. – respondeu a mulher, tirando algo preto de dentro da sacola.

A pequena Sofia deu um pulo de alegria. Era uma galinha preta com unhas pintadas de vermelho!

- Uma galinha! Você trouxe uma galinha com você?

- Mas não é para comer. A pimpinela é de estimação e eu... oh, não, vamos ter que voltar!

- Voltar, como assim, voltar?

- Não volte! – advertiu Jonas.

- Eu esqueci a comida da Pimpinela!

- Ah, não! – fizeram Edgar e Jonas, em unísono.

- Essa bicha come milho, alpiste?

- Se for de boa qualidade...

Jonas suspirou:

- Podemos parar na mercearia. Tem comida de passarinho lá. E podemos pegar alguma comida para nós também...

- Já vou avisando que não como carne! – advertiu a mulher, enquanto a menina brincava com a galinha.

Edgar olhou pelo retrovisor. Era a primeira vez que via Sofia sorrindo desde que a conhecera.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 57

Pararam na frente da mercearia. Edgar ficou do lado de fora, com o motor ligado, pronto a sair caso acontecesse alguma coisa. Olhou para o medidor e viu que precisaria de mais gasolina. Mas não tinha coragem de sair e tentar achar outro posto. Além disso, já se aproximava a hora do almoço e ele se lembrou que não tomara café da manhã.

Jonas e Zulmira haviam sumido dentro do mercadinho, mas logo voltaram com diversas sacolas.

- Abre o porta-malas! – pediu a mulher, enquanto Jonas fechava a grade da frente.

- Esqueça o porta-malas. Quanto mais tempo ficarmos na rua, maior o perigo. – sugeriu Jonas.

A mulher bufou, mas entrou pela porta traseira.

- Pegue algumas sacolas! – disse para Alan, jogando alguns pacotes no colo do rapaz.

- Ela insistiu em trazer verduras. – informou Jonas, quando entrou no carro.

- Vou fazer um prato com batatas temperado com curry. – explicou a mulher.

- Preferia comer a galinha. – respondeu Alan, sobre o olhar acusatório da senhora.

- Sabe, pensando bem, não lembro de ter visto nenhum cachorro nas ruas...

- As coisas comeram a maioria. Eu vi. – disse Zulmira. Depois que a música fritou o cérebro deles, só conseguem comer carne quente. A maioria dos cachorros que não fugiu já deve ter sido devorado. Acho que até os gatos estão sendo exterminados...

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 58

Já na casa, Edgar surpreendeu-se ao descobrir que ainda havia água.

- Não faz sentido. A energia acabou. Não deveria também ter água na torneira.

- Talvez seja a água que sobrou nos reservatórios. – sugeriu Jonas.

- Hm hm. – fez Edgar. Em todo caso, se alguém quiser tomar banho, melhor economizar.

Estavam na cozinha. Zulmira pegara um porta-retratos sobre um armário e o examinara. Mostrava o professor ao lado de uma mulher e uma menina.

- São sua esposa e sua filha?

Edgar andou até ela, pegou o porta-retratos de sua mão e o colocou, virado para baixo, sobre a geladeira.

- A gente não pode nem mesmo fazer uma pergunta! – resmungou a mulher, abrindo a sacola com as batatas.

Alan, Jonas e Edgar foram tomar banho. A casa tinha dois banheiros: um social e um na suíte.

Enquanto isso, a pequena Sofia passou brincando com a galinha, que corria para cima e para baixo, cacarejando.

Quando voltou para a cozinha, Edgar sentiu um cheiro forte e confortador.

- Gostoso, não? É o curry. Vou fazer também arroz e pasteis de queijo.

Em pouco tempo estavam todos na cozinha, ao redor da mesa. Comeram em silêncio, enquanto Zulmira tratava da galinha, colocando milho e sementes em uma vasilha de plástico e água em outra.

Quando terminaram, foram para a sala. A menina se deitou sobre o colo de Edgar, no sofá e

dormiu. Seu sono era pontuado por tremores e calafrios.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 59

- Já pensaram no que está acontecendo? – perguntou Jonas.

- Cara, tudo isso é muito doido. – opinou Alan.

Zu segurava a galinha em seu colo e a acariciava, como se fosse um gato. O animal parecia gostar daquilo.

- Eu já disse. A música fritou o cérebro deles.

- Acho que a Zulmira pode ter mais razão do que imagina. – concordou Edgar.

- Pode me chamar de Zu.

- Está bem, Zu. Existe uma área do conhecimento chamada psicologia das massas, que

estuda os comportamentos coletivos. Um desses comportamentos, provavelmente o mais primário deles, é o da multidão. É um comportamento instintivo, governado pela parte mais antiga de nosso cérebro, a amígdala, ou cérebro reptiliano.

Jonas franziu o cenho:

- Temos mais de um cérebro?

- Temos basicamente três. São registros da evolução de nossa espécie. O primeiro deles é o reptiliano, depois o mamífero, o complexo límbico, e, finalmente, o neocórtex. O mamífero governa nossas emoções e nosso sentimento de pertencer a um grupo.

- É o instinto de boiada. – atalhou Alan.

- Isso mesmo. Quando imitamos outras pessoas, ou queremos muito fazer parte de um grupo, é essa parte do cérebro que está em ação. Por outro lado, o neocórtex governa nossa

capacidade linguística e crítica. É a parte mais evoluída.

- E o que faz esse cérebro reptiliano?

- Um cientista definiu o cérebro reptiliano como o responsável por decidir algo como “Eu como isso, ou isso me come?”. – explicou Edgar.

- Isso quer dizer que era um cérebro usado para caçar?

- Também. Mas também foi uma parte importante de nosso cérebro quando se tratava de fugir de perigos. Ainda hoje o usamos quando tomamos atitudes impulsivas e impensadas.

- É um cérebro ruim. – decidiu Zu.

- Não necessariamente. Se, por exemplo, o teto começasse a cair e precisássemos sair daqui urgentemente, era essa parte de nosso cérebro que governaria nossa ação. Se fôssemos parar para pensar no que estávamos fazendo... instintos são

importante. Jonas nos salvou hoje graças à sua ação rápida.

- Eu não queria ter matado aquela mulher. - suspirou Jonas.

- Você matou um daqueles zumbis? – perguntou Alan.

- Eu já disse. Não queria matar ela.

- Mas se não tivesse feito isso, nós é que estaríamos mortos. Se ele tivesse parado para pensar no que estava fazendo, nunca teria agido, entendem?

Alan coçou o queixo:

- Mas o que isso tem a ver com os zumbis?

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 60

Edgar levantou as mãos por um minuto, as palmas viradas para cima.

- Não é óbvio? A Zu tem razão, em partes. A música alta fritou o cérebro deles, mas não todo o cérebro... Existem sons nocivos à saúde, como os infrassons, mas sabe-se que mesmo sons normais são capazes de diminuir a ação do neocórtex. As substâncias liberadas pelo corpo em pancadões ou aparelhagens fazem com que o cérebro reptiliano tome conta. Isso explica, por exemplo, por que razão há tantas brigas nesses tipos de shows musicais.

- Eu não usaria a expressão “show musical” para esses casos. – atalhou Zulmira.

- Quer dizer que o som destruiu o neocórtex deles e fez com que o cérebro reptiliano tomasse conta? – indagou Jonas.

- Sim.

Alan balançou a cabeça:

- Isso explica porque ficam tão violentos. E explicam porque sempre estão com fome...

- E preferem comida fresca, como feras. Sangue, eles gostam de sangue. Posso confirmar isso.

- Mas há uma falha. Eles preferem andar em grupos...

Edgar assentiu:

- Isso pode significar que uma parte do cérebro mamífero sobreviveu. Mas, se o uivo da Górgona soar de novo, é possível que isso mude. Em todo caso, vamos precisar de armas a próxima vez que sairmos.

O grupo ficou em silêncio, pensativo, enquanto Sofia se agitava, no colo de Edgar.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 61

Sofia estremeceu, perdida na imensidão negra de seus sonhos.

Em seus sonhos, ela sempre acordava durante a noite. Mas o pesadelo nunca terminava.

Ela acordava e sabia que havia algo estranho.

Embora não possa ouvir, ela sabe que há gritos.

(como sabe, como ela sabe dos gritos?)

Então se levantava. Ela não sabia onde estava sua pantufa, então seus pés experimentam a frieza indiferente do chão. De alguma forma isso parecia irreal.

(O tempo. O tempo parece estranho)

Ou menos real do que o que está acontecendo lá fora. Um homem e uma mulher. Seus pais. O que estavam fazendo? Por que estão gritando?

(Como ela sabe, como ela pode saber da dor e dos gritos se nunca ouviu nada na vida?)

Sofia dá um passo, seus pés congelando no contato com o chão, mas pouco importa. Os gritos lá fora agora estão mais fortes.

Sofia passa pelo ursinho caído no chão, mas o ignora. Ela quer, precisa saber o que está acontecendo lá fora, embora saiba que é algo terrível.

Suas mãos tocam na maçaneta gelada e a giram.

E os gritos em sua cabeça se tornam ainda mais fortes.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 62

Sofia abre a porta. Ela sabe que está acontecendo algo ruim, muito ruim, mas não consegue acreditar no que está vendo.

Sua mãe estava caída no chão.

Seu pai está sobre ela, segurando-a pela camisa. Ele tem a mão levantada, pronta para um golpe. No rosto da mãe, em volta do olho, há uma enorme mancha vermelha que vai, aos poucos se tornando roxa.

Os dois ficam ali naquela posição no que parece uma eternidade. E então olham para ela.

O pai solta a mãe e vira-se para a menina, os olhos injetados de sangue e ódio:

Lá atrás, a mãe o puxa pela calça, implorando. Sofia percebe que a mãe implora por ela.

O homem se livra da mãe com um tapa e se volta novamente para a menina.

Sofia corre de volta para o quarto, o chão frio deslizando rápido sob seus pés e se esconde debaixo da cama.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 63

Sofia está novamente dormindo. Ela sempre dorme, sempre acorda, mas o pesadelo nunca acaba.

Novamente os gritos, em sua cabeça, em seus sonhos. Sofia abre os olhos. Ela tenta afastar o pesadelo, um gesto de cabeça, mas os gritos continuam ali.

Ela se levanta e seus pés tocam o chão frio e ela estremece. Ela já viveu esse pesadelo dezenas e de vezes e não sabe mais se é verdade ou imaginação. Na manhã seguinte, parece que tudo está normal, exceto pelas partes roxas no corpo de sua mãe. Mas em alguns manhãs não existem esses machucados e só por isso Sofia consegue distinguir quando é sonho e quando é real. Mas mesmo assim, tudo se mistura em sua cabeça juvenil.

Ela continua andando na direção da porta e pega na maçaneta e a maçaneta a cumprimenta com um toque gelado.

A porta se abre lentamente e Sofia espera ver a mesma cena que já vira diversas outras vezes.

Mas desta vez é muito, muito pior.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 64

Em seu sonho, Sofia estremece.

A porta se abre lentamente.

(a porta sempre se abre lentamente, sempre revelando uma verdade terrível, mas dessa vez é infinitamente pior).

O seu pai está ali, como sempre, batendo em sua mãe, mas agora ela está reagindo. Sofia olha nos olhos dos dois e é como se estivessem mortos. Ao redor deles, a sala toda estava destruída: coisas caídas no chão, sangue nas paredes, a televisão quebrada em uma miríade incessante de cacos de vidros.

Inicialmente, Sofia acha que é apenas mais uma surra, mais uma vez seu pai trazendo a violência para casa, mas então se lembra do olhar dos dois e percebe que dessa vez é diferente.

Ela corre e se esconde debaixo da cama. Vê pessoas entrando no quarto, sente a vibração de coisas sendo quebradas.

(parece que estão procurando por alguma coisa, procurando por ela!)

Depois vão embora e então é o silêncio. Apenas isso, o silêncio em sua cabeça, mas a certeza de que os gritos logo voltarão e ela fica lá, deitada, esperando que o sol entre pela janela e pareça seguro sair.

Quando finalmente sente coragem, vê-se no meio do caos de destruição e estremece.

Ela nunca mais irá ver seus pais.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 65

A menina foi deixada sobre o sofá, com Zulmira cuidando dela e os três homens seguiram Edgar até os fundos, onde ele guardava suas ferramentas.

- Não tenho muita coisa, mas é melhor isso do que sairmos por aí desarmados.

O ambiente era escuro e pequeno, de modo que os três homens tinham que se espremer ali dentro. Ainda assim, vasculharam a caixa de plástico e cada um saiu dali com algo: Jonas pegou um facão pequeno, Edgar um martelo e Alan um pé de cabra. Levaram também um outro martelo, menor e mais manuseável, para Zulmira.

Jonas caminhava e olhava, tenso, para o facão. Entre todos ali era o único que de fato tinha matado uma daquelas coisas e, embora soubesse que era uma questão de sobrevivência, a consciência lhe pesava.

- E se eles tiverem cura? – falou, baixo.
- Hum? – perguntou Edgar.
- Nada. Só estava pensando alto.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 66

O grupo jantou cedo o que sobrara do almoço e se recolheu ao quarto de Edgar. Era o único local da casa que tinha isolamento acústico e Jonas temia que o uivo da Górgona voltasse a soar.

Zu estava cansada. Tinha passado a noite anterior vigiando a casa pelas grades, apreensiva com os zumbis. Ela se deitou na cama e a menina Sofia e a Pimpinela se deitaram com ela. Logo estavam dormindo. Zu roncava baixo e a menina estremecia, em pesadelos.

Os homens se sentaram no chão. Sentiam-se cansados, mas não sabiam se conseguiriam dormir.

- Já pensou sobre o som? – indagou Jonas.

- Você fala do uivo da górgona?

- Do que estão falando? – cortou Alan.

- Eu vi o que transformou as pessoas. Foi um caminhão de som. Mas não se parecia com nenhuma marca que eu já tivesse visto. Eu fico pensando: que era aquilo?

- Também pensei nisso. Uma invasão extraterrestre?

- Ou talvez algo sobrenatural, para ter esse resultado sobre as pessoas... eu... ei, estão sentindo isso?

Jonas colocara a mão na parede. Edgar e Alan fizeram o mesmo. Estava tremendo.

- O uivo da górgona voltou. – deduziu Edgar.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 67

Talvez tenham falado alto demais, ou talvez tenha sido o tremor, o fato é que Zu acordou e olhou para os homens, desorientada. Jonas lançou um olhar para ela e depois direcionou-o na direção da parede e ela compreendeu.

- Estamos seguros? – perguntou.

- O isolamento acústico nos protege. Estamos seguros.

Mas era parcialmente verdade. No fundo, podia sentir uma batida, uma espécie de tum-tum, talvez reflexo do tremor na parede.

- Mas as coisas lá fora? Como isso vai afetá-las? – indagou Zu.

Ficaram em silêncio nervoso. Edgar e Jonas mantinham as mãos na parede. Depois do que pareceu um longo tempo as tiraram:

- Parou.

Mal acabou de dizer isso, Edgar percebeu que outra coisa estava acontecendo. Era um outro tipo de som, vindo muito fraco, do lado de fora.

- Agora é outra coisa. – disse. Precisamos ver o que é.

Zulmira tentou impedi-los, mas era tarde demais. Os homens já tinham saído do quarto quando ela teve ânimo para dizer que era perigoso. Enfim, acompanhou-os, torcendo para que o uivo não voltasse ou que, caso voltasse, houvesse tempo de retornar ao quarto.

Ao chegar à sala se deparou com uma cena dantesca.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 68

A rua estava repleta de zumbis enlouquecidos. Pareciam tomados por uma dança louca, de morte, sangue e fezes. Sujos e maltrapilhos, eles pulavam e urravam. Umas dez

peessoas haviam se agrupado ao redor do portão e o forçavam. Outros tentavam subir, mas se feriam no ouriço metálico que, felizmente, conseguia repeli-los.

- Isso não vai aguentar muito tempo. – sentenciou Jonas. Talvez eles entrem no quintal e, se entrarem, vamos rezar para que as grades nas janelas e portas aguentem.

Edgar coçou o queixo:

- É bom que um de nós fique de guarda. Se eles conseguirem passar pelo portão, é bom que estejamos preparados.

- E se o uivo voltar?

- Vamos torcer para que isso não aconteça.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 69

Alan foi o primeiro a ficar de vigia. Por via das dúvidas, usara no ouvido os tampões que sempre

trazia consigo. (Quando se mora com amigos bagunceiros, a gente aprende a se prevenir, dissera ele). Tinha suas dúvidas de que isso o protegeria do uivo, mas talvez lhe desse tempo de chegar até o quarto com isolamento antes que ele fosse tomado pela Górgona. (Um pensamento terrível o tomou: e se os amigos se recusassem a abrir o porta para ele, temendo que ele já tivesse se transformado?).

Assim, suas duras horas de vigília passaram, entre o medo de que as pessoas enlouquecidas lá de fora derrubassem o portão e o pavor de que o uivo voltasse a soar.

Pouco mais de uma hora de vigília, ele começou a ser dominado pelo sono. As imagens de pesadelo vinham e iam como relâmpagos em meio ao topor.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 70

- Seu imprestável! – gritou a figura enorme e ameaçadora.

Em seu sonho, Alan se encolheu, mas a figura continuou vindo em sua direção, os punhos fechados, indo e voltando, ensaiando um golpe.

- Seu imprestável! Você me envergonha!

No meio, entre o sonho e a realidade, os gritos do homem se misturavam ao urro da multidão forçando o portão.

Alan podia sentir o bafo intenso de cerveja.

Uma terceira figura estava ali, escondida pelas sombras. Só era possível ver sua mão feminina, puxando o pai:

- Por favor, esqueça isso. Ele é seu filho!

- Eu não tenho filho! Esse imprestável nunca foi meu filho!

Então, a mão se aproximou e tocou em seu ombro. Alan estremeceu, tomado por calafrios e abriu os olhos.

- Está tudo bem? – perguntou Edgar, sacudindo-o.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 71

Alan abriu os olhos, aturdido.

- Tudo bem? – insistiu Edgar.

- Sim.

- E as coisas lá fora?

- Acalmaram, mas duvido que o portão aguente mais uma noite.

Edgar coçou o queixo:

- Vamos precisar procurar outro local. O uivo não soou?

- Acho que isso só ocorre uma vez por noite.

No dia seguinte, o grupo se preparou para rodar pela cidade. Precisavam de gasolina e de um

local mais seguro. Levaram poucas coisas: algumas roupas, comida e as armas improvisadas que haviam conseguido na caixa de ferramentas.

Dessa vez a cidade parecia ainda mais destruída que no dia anterior: havia sacos de lixo rasgados e espalhados pelas ruas, seu conteúdo atraindo moscas e urubus. Viram um ou outro cachorro, que se afastava rápido ao ouvir o som do carro.

Já tinham rodado mais de meia-hora quando finalmente avistaram um posto de gasolina.

Edgar parou o carro e começou a encher o tanque, enquanto os outros vigiavam.

Estavam todos tão preocupados com os zumbis que ninguém reparou na pequena Pimpinela.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 72

A galinha sentiu-se curiosa. No começo, estivera insegura com a mudança de ares e as novas pessoas que conheceria.

Com o tempo, no entanto, ganhara confiança naquelas outras pessoas e se sentira segura para explorar o ambiente. Olhou à volta e achou o local onde estava escuro e claustrofóbico. Lá fora parecia muito mais arejado e iluminado, um novo mundo a ser explorado.

Pimpinela se empoleirou no batente da porta traseira e olhou à volta. Tudo parecia muito silencioso e tranquilo. Deu um ou outro piado exploratório. Nada parecia ameaçador naquele mundo iluminado e silencioso.

Alegre, ela saltou de seu poleiro e andou à volta. Pensou ter visto algum bicho no chão. Tentou ciscar, mas descobriu que aquela terra era dura, assim, resolveu andar mais. Sua curiosidade foi recompensada: um verme se debatia contra o chão quente. Andando um pouco mais, achou

outro e outro, para só então perceber, alegre, que era como uma trilha indo na direção de um saco de lixo, um verdadeiro tesouro.

A galinha soltou outro piado de satisfação e seguiu em frente.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 73

- Ah, não! – gritou Zu.

Edgar estava ao lado do tanque, enchendo-o com a mangueira. Dessa vez tinha conseguido colocar uma grande quantidade e esperava enchê-lo. Ao ouvir o grito, estancou, assustado:

- O que aconteceu?

Jonas e Alan tinham se aproximado da mulher, que ficara do outro lado do carro. Ela chorava:

- A Pimpinela... Meu Deus, como fui deixar isso acontecer?

- O que foi? – indagou Jonas.

- A Pimpinela sumiu! Temos que procurá-la!

Alan sacudiu a cabeça, incrédulo:

- Não vou arriscar minha pele por causa de uma galinha!

Zu franziu o cenho:

- Eu não vou sair daqui sem minha galinha!

- É arriscado sairmos por aí em busca dela. Não sabemos onde os zumbis podem estar. Da última vez que abastecemos, por pouco Edgar não foi pego.

Zu parecia furiosa:

- Eu vou procura-la. Só peço que me esperem.

- Vamos lhe dar quinze minutos. – decidiu Edgar. Depois vamos embora.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 74

A pequena Sofia fez menção de acompanhar a mulher, mas Edgar segurou-a: já era ruim demais ter uma pessoa fora do grupo. Não queria arriscar também a menina.

Zulmira seguiu por uma rua como se seguisse uma pista (que tipo de pista poderia ser?). Depois virou uma esquina e desapareceu.

Edgar olhou à volta: um silêncio opressor se espalhava pela paisagem. Era como o silêncio antes da tempestade, quando até mesmo o vento para de circular. Como se a natureza segurasse a respiração, antevendo o caos.

Sofia segurou sua mão esquerda e apertou. Ele acariciou seu cabelo com a outra e isso pareceu reconfortá-la.

Estavam todos tensos.

- Ela não vai achar essa galinha. Vamos embora. – pediu Alan.

- Eu prometi. Quinze minutos.

Alan olhou no relógio:

- Já se passaram quase dez.

- Vamos esperar os quinze minutos. Isso foi o combinado.

Pouco tempo depois o som chegou até eles. Era o rugido desconexo da horda, se aproximando, mais e mais próximo.

- Eles estão vindo. – avisou Jonas.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 75

Zu olhou à volta, indecisa. De fato, era impossível ter certeza de para onde tinha ido a galinha. Então viu o saco de lixo aberto. Aqui e ali vermes saindo dele.

A mulher lembrou-se que Pimpinela gostava daqueles vermes e provavelmente teria tido sua

atenção despertada pelas coisinhas se remexendo no asfalto. Era uma boa aposta.

Mas, alcançado aquele ponto, nem sinal da galinha. Talvez ela tivesse virado na esquina, mas para que lado? Direita ou esquerda? A resposta era pura intuição. Confiando em seu faro, Zu virou à esquerda.

la andando devagar, o olhar baixo, atenta tanto aos sons quanto aos movimentos. Duas esquinas depois viu uma lixeira. De onde estava não era possível ver a galinha, mas sabia, ou sentia que estava indo na direção certa.

- Pimpinela! – gritou.

A galinha surgiu de trás do lixeiro. Mas, praticamente junto com ela, apareceu um zumbi na esquina.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 76

Zulmira estancou. Agora não era apenas um zumbi, mas vários. Vinham descendo a rua e a tinham visto.

Pimpinela descia a rua, apavorada e não demoraria para ser capturada pelo grupo. A mulher já tinha visto uma horda daquelas devorando um cachorro e sentiu calafrios.

- Pimpinela, pimpinela! – gritou, indo na direção da galinácea e torcendo para que desse tempo.

O grupo já se tornara maior quando a galinha finalmente a alcançou e pulou em seus braços. Os zumbis estavam próximos, muito próximos. Urravam de ódio, os corpos desconjuntados naquela dança caótica.

Zulmira beijou a galinha e correu. Correu como nunca corréra em sua vida. Correu como se não existisse mais nada na vida além de suas pernas e o caminho que seguia.

Correu e rezou.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 77

- Estão cada vez mais próximos! – avisou Jonas.

- Melhor ir embora. Não é seguro aqui. – pediu Alan.

Edgar olhou no relógio. Tinha prometido quinze minutos para Zu e, apesar do perigo, queria cumprir a promessa.

- Entrem no carro. Vou esperar de motor ligado.

O professor ligou a chave e olhou novamente o relógio. O urro dos zumbis estava cada vez mais próximo.

Faziam exatamente quatorze minutos do prazo quando Zulmira apareceu na esquina. Segurava a galinha nos braços e corria, desesperadamente. Assustada, Pimpinela

cacarejava, mas era impossível ouvi-la, tamanha era a balbúrdia da horda.

- Ela não vai conseguir. Estão perto demais!
– avisou Alan, lá atrás.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 78

Edgar engatou a primeira e saiu com o carro.

- Você vai....? – perguntou Jonas, ao seu lado.

- Vou resgatá-la. Preparem-se para abrir a porta de trás.

Ao contrário do que se esperava, o carro foi na direção da horda. Passou por Zulmira e fez a volta. Alan abriu a porta.

- Entre! – gritou Edgar.

Zu entrou e a menina ao seu lado abriu um sorriso de felicidade.

Mas esse pequeno espaço de tempo foi suficiente para que a multidão se aglomerasse ao redor deles.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 79

Edgar engatou a primeira e tentou sair. Mas não conseguiu. A multidão aglomerara-se à frente do carro, como uma verdadeira parede humana.

- Pisa fundo! – pediu Jonas.

- Estou no máximo!

Os zumbis gritavam e batiam na lataria do carro. Um deles acertou a janela com tanta força que ela se estilhaçou em mil pedaços. A força usada fora enorme e provavelmente quebrou sua mão, mas ele parecia não se importar. Com a outra mão tentou agarrar Sofia.

Em desespero, Edgar engatou a ré e acelerou. Felizmente, a barreira atrás do carro era

menos compacta e isso lhe deu algum espaço para manobrar. A roda traseira pareceu passar sobre algo e ouviu-se um gemido molhado. A manobra deu certo e agora havia menos pessoas na frente.

Edgar acelerou.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 80

O carro guinchou, suas rodas patinando loucas contra o asfalto, mas enfim se livrou da multidão. Edgar aumentou a velocidade e, viu, aliviado, os zumbis lá atrás, se afastando. A experiência anterior tinha lhe ensinado a não seguir em frente para evitar que a horda os seguisse, então virou à direita e depois à esquerda.

- Todo mundo bem? – disse, olhando pelo retrovisor.

Havia vidro quebrado espalhado pelo banco e Alan, Zulmira e Sofia tinham olhares assustados. A galinha se aninhara no braço da dona, e tremia.

Fora isso, pareciam bem. Ao menos, não havia nenhum ferimento aparente.

- Essa foi por pouco, cara. – soltou Alan.

- Ei, camarada, veja isso. – disse Jonas.

Edgar olhou para a frente e por um momento seu coração acelerou.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 82

Havia uma pessoa ali, um homem de cerca de trinta e cinco anos. Vestia uma calça jeans e tênis e uma camisa gola polo. Estava entrando em uma casa e o portão automático fechava-se. Era uma pessoa normal e não tinha visto eles!

Jonas começou a gritar e Edgar levou algum tempo para entender que o outro estava tentando chamar atenção do desconhecido.

- A buzina! – gritou Alan, lá atrás.

Edgar acelerou enquanto pressionava a buzina. Mas quando pararam ao lado do portão, ele havia se fechado, escondendo o interior

Olharam à volta: era um muro imenso, de mais de três metros. Havia câmeras lá no alto. Olhos cegos, pensou Edgar. Não funcionam sem energia. Mas espantou-se ao ver que elas se movimentavam.

Então o portão se abriu com um estalo.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 83

O enorme portão de metal foi se abrindo lentamente, revelando um amplo quintal. O proprietário deveria ter comprado dois terrenos para a casa. O chão da garagem era todo de granito. Havia um carro branco ali, mas teria espaço para pelo menos dois outros veículos. O homem estava lá, em pé, com o controle na mão e um sorriso no rosto.

- Nossa, vocês não têm ideia de como estou feliz de ver pessoas normais!

Edgar ficou lá, parado e abismado. O portão abrindo, as câmeras se mexendo, as luzes acesas... aquela casa tinha energia!

- Melhor vocês entrarem. É perigoso deixar o portão aberto tanto tempo.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 83

Edgar manobrou para dentro da garagem e o homem fechou o portão o mais rápido possível. Quando os sobreviventes saíram, ele estava lá, um sorriso radiante no rosto, as roupas escrupulosamente levadas e passadas, os tênis brancos.

No meio de toda a confusão dos últimos dias, Edgar sentia-se um trapo. Provavelmente sua roupa estava suja e amarrotada e ele duvidava que seu rosto estivesse melhor. Assim, ver aquele

homem era quase como encontrar uma criatura dos sonhos.

- Sejam bem-vindos. – disse ele. Eu sinceramente achei que todos tinham se transformado naquelas coisas. É muito bom ver pessoas normais.

O grupo desembarcou e, ao ver a menina, o homem se abaixou para cumprimentá-la:

- Uma criança! Qual é o seu nome, menina?

Sofia não respondeu. Olhou para o homem e depois para Edgar.

- Ela é surda. – explicou o professor.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 84

- Surda? – repetiu o homem. Isso explica porque ela não se transformou...

O homem se levantou e fez um carinho da cabeça de Sofia:

- Seja bem-vinda, menina. Aqui você está segura.

Edgar adiantou-se e apertou a mão do desconhecido:

- O nome dela é Sofia. O meu é Edgar.

- Prazer em conhece-lo, Edgar. Meu nome é Roberto.

Edgar apontou à volta:

- Estou impressionado. Achei que a energia tivesse caído em toda a cidade.

- E caiu. – respondeu Roberto.

- Eu tenho um gerador de energia movido a óleo diesel. Enquanto a cidade tiver combustível, teremos energia. E ainda existem vários postos por aí, apesar de um deles ter explodido ontem...

- Nós passamos pelo posto. Havia muita gasolina derramada. O sol deve ter feito o resto...

- Entendo.

O grupo foi apresentado e Roberto convidou todos a entrarem em sua casa. Era uma casa limpa e asseada, elegante. As paredes eram grossas:

- Toda a casa tem isolamento acústico. Por isso eu não me transformei numa daquelas coisas quando soou o... que nome dar para aquilo?

- Edgar chama de uivo da górgona. – explicou Jonas.

- É justo. – disse o outro, após alguns minutos de reflexão.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 85

- Vamos, entrem. – pediu Roberto, ainda com um sorriso confortador no rosto.

O grupo foi entrando, meio abismado com tudo. Sofia acercou-se, maravilhada, de uma televisão.

- Nenhum canal está pegando, mas posso colocar desenhos animados e jogos. Ela gosta, não gosta?

Edgar deu de ombros:

- Eu realmente não sei.

- Vamos descobrir. Aqui tenho tudo. Energia, comida, isolamento acústico. Aqui estarão seguros e alimentados. Venham, vou lhes mostrar o resto da casa.

O grupo o seguiu, mas Zulmira puxou Edgar na direção oposta:

- Tem alguma coisa errada nisso tudo.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 86

- Como assim? – perguntou Edgar.

- Eu realmente não sei. Mas tudo isso está bom demais. Perfeito demais. De repente achamos alguém que nos dá tudo que precisamos. Não acha isso estranho?

- Eu ainda não vi motivos para desconfiar de Roberto. Ele parece muito simpático e nitidamente está muito feliz de ver pessoas que não se transformaram em zumbis.

- Esse é o problema. – garantiu Zu. Ele é simpático demais. Parece um ator numa propaganda. E tem mais uma coisa: por que ele fez isolamento acústico na casa toda? Você tem ideia de quanto deve ter custado isso?

- Eu sei muito bem. Fazer apenas no meu quarto já foi caro. Mas ele parece um homem rico e deve gostar de silêncio. Eu e você não gostamos

da barulheira. Deveríamos ser os primeiros da dar razão a ele.

- Ainda assim...

Edgar virou-se na direção do grupo:

- Começo a achar que você é paranoica.

Zu deu um longo suspiro e seguiu o professor, resmungando.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 87

O grupo passou por uma porta fechada. Alan colocou a mão na fechadura, mas Roberto o impediu:

- Essa porta dá acesso ao porão, que estava em reforma quando começou tudo isso. Peço que não entrem aí. Há pregos e madeira espalhadas e não tenho lâmpadas. Alguém pode se machucar.

- Desculpe-me. – disse Alan.

- Oh, não há nenhuma razão para se desculpar. – garantiu Roberto, com um sorriso. Vamos subir para o segundo andar? É lá que ficam os quartos. Não sei se tenho quartos para todo mundo. Espero que não se importem de ficar dois em um quarto.

- Você diz isso porque não sabe o que passamos. Depois de toda a confusão dos últimos dois dias eu dormiria até num canil.

Roberto riu e foi acompanhado pelo resto do grupo. Apenas Zu não riu.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 88

- Nossa, isso deve ter custado uma fortuna! – exclamou Alan.

Estavam num corredor no andar superior. Havia dormitórios dos dois lados e um no final, o maior deles. Os quartos eram amplos, tinha televisão com DVD e banheiros internos.

Roberto sorria.

- E o melhor é que todos os quartos têm isolamento acústico. A não ser que um de vocês resolva passear lá fora, estarão seguros aqui...

Zu chamou Edgar para um canto:

- Que razão um de nós teria para passear lá fora sozinho, com aquelas coisas lá fora?

Edgar olhou-a, severo:

- Zulmira, você está passando dos limites.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 89

Depois desceram para a cozinha. Havia uma geladeira e dois freezers. Um deles estava repleto de carne.

- Como tenho energia elétrica, assim que aconteceu a coisa, fui em mercados e peguei carne para estocar.

Zulmira e Jonas e aproximaram para ver.

- Cadáveres. – comentou Zu.

Roberto pareceu desconcertado:

- Cadáveres? Como...?

- Ela é vegetariana. – esclareceu Alan.

- Oh, sim. – suspirou Roberto. Tenho também muitas verduras. Não é por isso que vão passar fome...

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 90

O grupo encontrou sabonete, xampu e outros itens de higiene nos banheiros. Quando terminaram, desceram para a sala de estar.

Roberto e Zulmira haviam cuidado do almoço, que já estava pronto quando o grupo desceu.

Zulmira antipatizara totalmente com Roberto e até mesmo o arroz fizera questão de preparar separadamente. Essa separação se refletia na mesa: de um lado, um grande prato de carne assada, sala de batatas, arroz e farofa; do outro, arroz e uma mistura de batata com batata doce e salada.

O grupo simplesmente ignorou a parte vegetariana e atacou a carne. Apenas a pequena Sofia, talvez por solidariedade, se serviu da comida feita por Zu.

- Vocês têm ideia de quanto esses animais sofreram que vocês comessem essa carne? – indagou Zulmira. Já ouviram falar de pocilga de sequestro? Os porcos são colocados num mesmo ambiente. Eles vêm os outros sendo mortos e tentam fugir.

- Eu já ouvi falar disso. Hoje em dia se aplica um choque neles para que não sofram. – disse Roberto.

- O choque é insuficiente, porque um choque maior queimaria a carne e isso diminuiu os lucros. A maioria recobra a consciência quando estão sendo sangrados. É como se alguém entrasse nesta sala e começasse a nos matar um a um...

Alan bufou:

- Você está ficando louca? Ninguém vai nos matar um a um. O perigo está lá fora.

- Alguns de vocês viram zumbis comendo pessoas. Qual a diferença de nós comendo animais?

- Zulmira, você está passando dos limites. – decidiu Edgar. Estamos comendo. Não é uma boa hora para falar desse tipo de coisa...

- Além disso, esses animais já estavam mortos quando começou a coisa toda. – completou Alan. O melhor que podemos fazer é comer essa carne deliciosa...

Zu silenciou e dedicou-se ao seu prato de comida...

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 91

Quando terminaram, voltaram para seus quartos. Estavam exaustos depois da longa noite insone. Apenas Sofia ficou na sala, assistindo a um desenho na grande TV de plasma. Embora não pudesse ouvir o som, em sua imaginação infantil conseguia entender a história.

Mas, com o tempo, foi perdendo o interesse. Levantou-se e olhou à volta. Nenhum movimento. Nem mesmo a galinha andava por ali.

Não estava com sono, mas o desenho não lhe interessava mais. O que restava era andar pela casa, desbravando-a. Sentia-se entre curiosa e tensa. Talvez porque sabia que estava fazendo uma travessura. Os adultos esperavam que ela ficasse ali, na sala, mas aquele espaço parecia agora

pequeno e a menina queria saber o que havia além dele.

Pouco antes de entrar na cozinha deparou-se com uma porta. Vira um dos adultos tentando entrar nela assim que chegaram e o dono da casa o impedira.

Sofia forçou a fechadura e descobriu que não estava trancada.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 92

A porta abriu lentamente e a luz da cozinha se esparramou como um leque pela superfície negra do cômodo. Sofia deu um passo para a frente, indecisa. Fez isso e levou a mão direita na direção da parede, na busca de um interruptor. Seus dedos foram tateando lenta e cuidadosamente, até se depararem com uma saliência de plástico no reboco.

Uma luz se acendeu iluminando o que parecia um corredor curto. Lá no fim, o corredor parecia se abrir num cômodo maior. Havia coisas penduradas pela parede, mas de onde estava, a menina não conseguia identificar o que eram. Ela olhou para trás, esperando ver algum adulto que a orientasse. Mas não havia ninguém. Era ela, sozinha e uma dúvida terrível: entrava ou não entrava?

Por fim, deu mais um passo e olhou à volta. Apenas a parede, dos dois lados.

De onde estava as coisas na parede ainda eram um enigma e a menina resolveu continuar.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 93

Sofia deu mais um passo. E outro. E outro. Enfim, estancou, intrigada e maravilhada com que seus olhos vislumbravam. A parede era coberta de objetos pendurados. Havia um avental de plástico

branco. Havia diversas manchas nele e a menina pensou inicialmente que era um avental de pintura, como aqueles que ela usava na escola, mas ao se aproximar, sentiu um forte odor acre. Além disso, as manchas variavam do vermelho ao roxo. Não havia nenhum amarelo, azul ou verde entre as várias e pequenas manchas. Em uma sacola transparente viu pequenos frascos igualmente transparentes, repletos de linhas e agulhas de costuras das mais diversas cores e grossuras.

Mas o que mais a maravilhou foram as coisas que brilhavam ao longe. Havia ali uma profusão incrível de facas das mais variadas cores e tamanhos. Algumas eram pequenas, com a lâmina fina e pequena, outras eram grandes e pesadas como cutelos.

Todas estavam devidamente limpas e organizadas por tamanho e tipo. Quem quer que as guardara era meticuloso e organizado.

A limpeza das facas era algo quase irreal naquele ambiente e contrastava fortemente com a sujeira abstrata do avental.

Sofia ficou ali, admirando-as, até perceber que havia algo do outro lado da sala.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 94

Sofia tentava acostumar-se com a escuridão. A sala formava um L com o corredor e a luz que vinha dele era incapaz de iluminar o que havia do outro lado. Com o tempo, a menina conseguiu distinguir uma espécie de mesa. Não, não era uma mesa, era algo diferente. Parecia de metal, mas era alto e estreito demais para ser uma mesa. A menina teria pensado que se tratava de uma cama, mas nem mesmo isso se encaixava no que seus olhos conseguiam vislumbrar.

Sofia sentiu o coração palpitar e suas mãos agora estavam suando.

Havia algo em cima da mesa estranha, como um saco de dormir, ou um amontoado de roupas, mas a menina adivinhou que não se tratava de roupas. O que poderia ser?

Ela olhou à volta, em busca de um interruptor e achou-o na quina do fim do corredor.

Então deu um passo cauteloso na direção dele, seus tênis arrastando contra o chão.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 95

A luz acendeu e a menina custou a discernir o que via. Talvez porque seus olhos estavam acostumados à penumbra. Parecia um manequim humano, como aqueles que ela vira em várias lojas, mas faltavam os braços e as pernas, sobrando apenas o tronco. Sofia imaginou que fosse o manequim de uma mulher por causa dos cabelos negros com corte feminino. O rosto estava virado para a parede.

A menina se aproximou e seus olhos, agora acostumados à claridade, repararam em algo estranho. De onde deveriam sair pernas e braços saíam linhas negras, como se alguém tivesse costurado a pele.

Agora mais perto, a menina reparou que o manequim não tinha textura de plástico, mas de pele. Pele humana. Que tipo de pessoa faria um manequim tão realista? Por que razão? Ou talvez... ou talvez fosse realmente uma mulher?

Foi nesse momento que a mulher se virou e olhou para ela.

O UIVO DA GÓRGONA PARTE 96

Sofia recuou, horrorizada.

Era uma mulher, uma de verdade. Sofia olhou, angustiada, para as facas na parede e compreendeu e a compressão fez com que um calafrio arrepiasse seu corpo.

Era uma mulher de verdade e seus braços e pernas tinham sido cortados e a pele costurada, provavelmente para que ela não morresse sangrando. E não tinha sido só isso que havia sido costurado. Quem fizeram isso costurara também os lábios da mulher, de modo que ela não conseguia falar.

Pelos movimentos do rosto, Sofia imaginou que ela estivesse murmurando algo, numa tentativa vã de pedir ajuda. Mas não era necessário ouvi-la. Bastava contemplar o desespero em seu olhar. Era um pedido desesperado de ajuda.

O dono da casa fez isso com ela, compreendeu Sofia. O dono da casa capturou essa mulher e cortou seus braços e suas pernas, e costurou para que ela sobrevivesse e pudesse passar mais tempo sendo torturada.

Talvez ele pretendesse fazer isso com todos eles, pensou Sofia e a compreensão foi tão insuportável que pareceu doer em seu peito.

Preciso avisar os adultos, preciso trazê-los aqui, pensou ela.

Mas quando se virou o dono da casa estava lá, olhando para ela, com uma faca na mão.

Gostou dessa história? Quer ler o resto?

Ajude o projeto O uivo da Górgona no Catarse: <https://www.catarse.me/pt/gorgona>

O Catarse funciona como uma espécie de pré-venda e o processo é bem simples: você escolhe o tipo de apoio (que vai de 10 reais a 500 reais), clica lá e passa o cartão de crédito, ou baixa um boleto bancário. Assim você me ajuda a publicar meu livro de forma bem fácil. E, se não conseguirmos alcançar a meta, o dinheiro é devolvido para você sem nenhum custo.

Apoiando você me ajuda a publicar meu livro e ganha incríveis recompensas, que vão do próprio Uivo da Górgona a marcadores de página, outros

livros escritos por mim e muito mais. Tem até uma estatueta de zumbis!

Se você estiver sem grana e não puder ajudar, tudo bem. Já ajuda bastante se puder ajudar a divulgar, seja em sua página em rede social, em blogs ou até falando do projeto para amigos que se interessam por literatura de terror.

Então, posso contar com você?